



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA HERDADA: A RELAÇÃO DOS ALUNOS COM O PASSADO A PARTIR DO CONTATO COM OS MAIS VELHOS

Polliana Moreno dos Santos*
(UESB)

Lívia Diana Rocha Magalhães**
(UESB)

RESUMO

Apresentamos um dos recortes da análise de nossa pesquisa de dissertação realizada no Mestrado em Memória Linguagem e Sociedade acerca da inserção da imagem televisiva no cotidiano de alunos do ensino fundamental e suas repercussões sobre a memória e o saber histórico escolar, uma vez que a mesma propaga um excessivo presentismo. Tentamos compreender as primeiras noções de temporalidade histórica construídas pelos alunos no contato com as suas avós, considerando, sobretudo, que os meios midiáticos tem praticamente excluído de forma incisiva os pares adultos da transmissão da experiência para os mais jovens. A pesquisa evidencia a diversidade de memórias coletivas e históricas de alunos provenientes de grupos e lugares distintos de Vitória da Conquista-BA, e certa dispersão em relação a esse passado, fato agravado pelo contexto imediatista ao qual estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência, Memória, Presentismo.

INTRODUÇÃO

A memória herdada ou recebida aquela que se dá no cotidiano, a que se constrói pelo contato dos mais jovens com os mais velhos, principalmente, com os familiares. Sendo assim, levando-se em conta o processo da comunicação, perguntamos em que momento ocorreriam nossas primeiras lembranças e a

* Mestre em Memória Linguagem e Sociedade pela UESB. Professora de História da Rede Municipal de Vitória da Conquista.

** Professora da UESB e Coordenadora do Projeto Museu Pedagógico da UESB.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

construção de nossas primeiras noções temporais. Halbwachs (2006, p. 43) ressalta que:

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social. [...]

Essa afirmação do autor nos transporta para o fato de que é justamente do grupo familiar que brotam nossas impressões, transformadas em lembranças, enquanto ser que convive socialmente.

Em acordo com o ponto de vista acima, descrito por Halbwachs (2006), e tomando como parâmetro os princípios unificadores da memória social elencados por Sá (2007), podemos dizer que a memória se dá, em última instância, nas pessoas, a elas pertencem as lembranças, porém, a memória é construída a partir das experiências passadas, em função do presente, relacionando-se à sociedade e à cultura, num processo que perpassa a “interação, a comunicação e a consideração de interesses e sentimentos” (SÁ, 2007). Ademais, consideramos que as noções adquiridas no contexto familiar, por sua vez, participarão na construção do sentido do tempo para a História, essência do saber histórico, relação que envolve pensar o passado e sua relação com o presente.

Assim sendo, ressaltamos que esta pesquisa foi realizada, por meio de enquetes aplicadas junto a alunos das sextas séries do Ensino Fundamental de três escolas da cidade de Vitória da Conquista – BA, entre os meses de maio a julho de 2010. A primeira escola foi o Centro Municipal Educacional Erathósthene Menezes-CMEEM, situada na zona rural, distrito de Iguá, fazendo um total de 60 alunos. Por sua vez, a segunda turma pertencia a Escola Estadual Arthur Seixas e



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

tinha 32 alunos. Finalmente, a terceira turma pertencia ao Educandário Juvêncio Terra-EJT e possuía 29¹⁹⁹ alunos. Ambas situam-se na área urbana de Vitória da Conquista.

O conteúdo da experiência: entre memórias pessoais e coletivas

Propusemos aos alunos em estudo que completassem uma afirmação que os remetiam ao passado, as lembranças do que era dito por suas avós sobre o passado, visando observar como eles se lembravam desse tempo. Nosso intuito era evidenciar lembranças de uma memória herdada de avós, ou seja, experienciada e coletiva de um tempo que não foi vivido (AROSTÉGUI, 2004) por esses alunos, mas que está implícito em suas memórias pelo contato com os avós.

Nesse sentido, pedimos que completassem a seguinte afirmação: “Minha avó ou meu avô disseram que naquele tempo [...]”. À afirmativa, a grande maioria, ou seja, cerca de 95% dos alunos das três escolas respondeu, apenas seis alunos (5%), entre todas as escolas, não responderam. Ao completarem as frases sobre temas que os levassem a pensar o passado, remetendo-os à vida das relações comuns, é interessante como expressaram noções de temporalidade, por meio do que dizem seus avós quando trazem a ideia de comparação entre o presente e o passado. Agrupamos suas respostas, destacando dois aspectos principais: frases que se referem a uma memória pessoal e frases que se referem a uma memória relativa ao tempo.

Vejamos primeiramente, algumas das respostas fornecidas pelos alunos do CMEEM: “eu era tão pequeno e hoje estou grande”, “eu era muito pequenininho”, “Era gordinha e fofinha”, “tudo era diferente em mim”, “eu era muito esperta, ”eu

¹⁹⁹As turmas estavam bem divididas entre o sexto masculino e feminino, e no geral os alunos tinham entre 11 a 13 anos.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

era muito bom de bola”, “eu já era esperto”, “eu era sapeca e brincalhão”, “eu era um menino muito teimoso”, “eu era muito bagunceira”, “eu brincava muito”, “eu gostava muito de ir pra escola”, “eu era bem novinha” e “eu gostava de ir muito na sua casa”.

Por esse primeiro grupo de repostas, fica mais ou menos evidente que metade dos alunos do CMEEM não se lembrava do que diziam seus avós sobre o passado da coletividade, embora tenha compreendido a proposição, voltando o tema para a imagem que tem de si mesmos ao lembrar-se das referências feitas pelos avós a eles. Encontramos essas mesmas informações nas repostas dos alunos das duas outras escolas?

Por certo que sim, presentes nos seguintes exemplos: “eu era bem fofinho”, “eu desenhava muito bem”, “eu era mais comportada”, “comia muito doce” e “eu chorava muito, viajava muito com eles”, da Escola Estadual Arthur Seixas. E nas afirmativas: “gostava de me vê quando era pequeno”, “eu aprontava mais do que hoje”, “que eu tinha que deixar a mamadeira”, “eu era muito danado” e “gostava de me vê quando era pequeno” dos alunos do EJT. Portanto, as frases revelam determinados aspectos constitutivos de memórias pessoais que também aparecem nas frases dos alunos das outras duas escolas. Sobre as memórias pessoais, Halbwachs (2006, p.30) aponta que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. [...].

Sendo assim, há que se levar em conta que houve uma parte dos alunos do CMEEM, Colégio Estadual Artur Seixas e Educandário Juvêncio Terra (cerca de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

53%, 65,5% e 17,2% respectivamente) que, não se lembrando do que diziam seus avós, transferiram o conteúdo de suas respostas para suas memórias individuais, para elementos estéticos, intelectuais, comportamentais, lúdicos, afetivos, subjetivos, os quais constituem as memórias pessoais.

Desse modo, a menção à estética aparece em frases como “eu era tão pequeno e hoje estou grande” ou “tudo era diferente em mim”. Ao intelecto, nas afirmações “eu era muito esperta” ou “eu já era esperto”. Ao comportamento, nas afirmações “eu era muito bagunceira” ou “que eu era muito malino”. A ludicidade e as preferências desses alunos, na frase “eu brincava muito”. A afetividade, que aparece na frase “eu gostava de ir muito na sua casa”. Por fim, a relação subjetiva com o tempo nas afirmativas “eu era bem novinha” ou “era um tempo passado”.

Esses alunos, mesmo não fazendo referências a um tempo em que eram mais novos, crianças, do ponto de vista sócio-histórico e mesmo não expondo um passado que foi vivido por seus avós, acabaram remetendo a questão às suas memórias pessoais, quase sempre constituídas a partir de vínculos afetivos. As respostas nos aproximam da posição de que memórias pessoais não são meramente individuais e sim estão contidas numa construção social, são memórias sociais (SÁ, 2007). De modo geral, podemos afirmar que não somente uma parte dos alunos do CMEEM, mas também das outras duas escolas evidenciaram lembranças pertencentes as suas memórias pessoais ou vividas, àqueles fatos ou acontecimentos que dizem respeito somente a eles, que vivenciaram ou vivenciam.

No entanto, quando propusemos a afirmação “Minha avó ou meu avô disseram que naquele tempo”, visávamos verificar como alunos referenciam um passado que não viveram, porém que participa da construção das suas memórias coletivas e históricas. Como ressalta Halbwachs (2006), na construção da memória coletiva, é fundamental a relação dos grupos com o tempo e principalmente com o espaço, bem como a própria interação intergrupal. Por sua vez a memória histórica

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

perpassa o cruzamento das memórias coletivas, herdadas, vividas. Nesse sentido, é interessante observarmos as respostas a seguir:

1. "tudo era mais difícil", "era muito difícil para eles", "tudo era muito difícil", "as coisas era muito difícil mesmo", "era mais difícil para as pessoas", "as coisas era muito difícil", "era muito sofrido", "as motos eram caras".
2. "não tinha energia", "não existia celular", "não existia telefone",
3. "as crianças brincavam mais", "era muito bom", "era mais sossegado",
4. "era muito diferente deste tempo",
5. "que era mais difícil pra estudar".

Elas correspondem ao segundo grupo de respostas dos alunos do CMEEM (aproximadamente 33,3%) para a afirmação e estão agrupadas pela similaridade de conteúdo. Observamos que há nelas os elementos integrantes da memória herdada dos avós, que demonstram aspectos que se relacionam a condições de vida, conotando o tempo com as dificuldades e as facilidades proporcionadas pelas transformações tecnológicas. Percebe-se uma nostalgia quanto à "tranquilidade" da vida no campo; mudanças genéricas quanto às diferenças entre o tempo vivido pelos avós e o vivido por eles; costumes e as dificuldades de acesso a bens sociais, como a educação.

De certa forma, esses mesmos aspectos, estão presentes em maior ou menor grau, nas respostas dos alunos das outras duas escolas. No entanto, as respostas dos alunos do CMEEM são mais próximas das respostas dos alunos do Colégio Estadual Artur Seixas²⁰⁰ e mais distantes das respostas dos alunos do EJT. Vejamos as respostas dos alunos da Escola Estadual Arthur Seixas:

1. "as coisas eram muito difícil" (SIC), "as coisas eram mais difíceis",

²⁰⁰Sendo que no Colégio Estadual Artur Seixas chegou próximo de 31,2% e no Educandário Juvêncio Terra em torno de 65,5%.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

-
2. "não havia TV", "era tudo mais complicado não tinha TV",
 3. "era muito bom", "não era perigoso"
 4. "era diferente", "era tudo diferente de hoje", "as coisas eram diferentes",
 5. "é bom ter filha mulher pra ajudar".

Já para os alunos do EJT:

1. "todo mundo brincava de carrinho de rolimã, gude, etc.", "não existia TV", "eles não brincavam de video game", "os brinquedos eram diferentes", "era menos moderno",
2. "não havia violência", "mais engraçado",
3. "era tudo novidade", "era muito diferente",
4. "casamento era tarde"(sic), "o namoro era distante(sic)", "podia namorar muito nova", "que o namoro era proibido",
5. "o ensino das escolas eram diferentes", "as escolas eram muito rigorosas", "as escolas eram rígidas".

Percebe-se que estas diferem bastante das respostas dos alunos do CMEEM, cuja generalidade do passado vivido pelos avós remete, em maior grau, aos obstáculos enfrentados por aqueles que viviam na zona rural na época dos avós. Destaca-se que o passado, para esses alunos do EJT, aparece em grande parte como expressão do lúdico, conduzido para as maneiras como as crianças brincavam na época dos avós, os tipos de brinquedo, a existência ou não de certos aparelhos tecnológicos, voltados ao entretenimento, o campo das relações pessoais e o acesso à educação.

Por sua vez, a comparação presente e passado, da sociedade de hoje e do passado de seus avós, os quais, supomos, tenham entre mais ou menos 50 e 60 anos, transplanta-nos para um passado recente. Faz-nos recordar a Tornay e Vega (2009, p. 66), quando afirmam que o passado recente distingue-se:

[...] por um regime de historicidade particular que se baseia em distintas formas de coetaneidade, copresença de passado e presente: sobrevivência de atores e protagonistas capazes de dar



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

seu testemunho ao historiador; existência de uma memória social viva sobre esse passado; [...].(Tradução nossa).

Sendo assim, esse passado, bem como o conteúdo das memórias coletivas revelam uma heterogeneidade, visto que lidamos com memórias de alunos de localidades diferentes, cujos avós viveram realidades distintas, principalmente pelo pertencimento a uma dada classe, situação econômica, lugar, etc., que guardam suas especificidades, mas também tornam-se comuns, revelando um estágio de uma sociedade que estava em transformação. Referendam que as memórias distinguem-se, de acordo com a pertença ao grupo, este está em nós mesmo quando estamos sós e “só lembraremos se nos colocarmos no ponto de vista de um ou muitos grupos e se nos situarmos em uma ou muitas correntes de pensamento coletivo”. (HALBWACHS, 2006, p.41).

Observamos uma multiplicidade de dados e elementos que se interagem e acabam constituindo a memória pessoal, coletiva e histórica de alunos que, em geral, consideramos, na sala de aula, apenas como sujeitos que se definem por sua situação presente, de idade escolar e não observamos que a constituição da relação do pensamento passado/presente está entremeada por situações vividas, ou transmitidas, por aqueles que os circundam, como pais e avós. Nessas situações e memórias transmitidas, estão implícitas questões sociais, econômicas e culturais, transformações tecnológicas e costumes. Assim sendo, a memória que os alunos têm sobre o passado, relatado por seus avós, nos traz dados interessantes.

Portanto, frases como “era muito mais difícil” ou “era muito sofrido”, reveladas pelos alunos do CMEEM, evidenciam a memória das dificuldades vividas por seus avós, que vivem ou viveram no campo, tiveram obstáculos para ter acesso



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

aos estudos, transporte e outros recursos tais como saúde, água encanada, rede elétrica²⁰¹.

Também encontramos essas respostas, conotando dificuldades vividas por seus avós, entre os alunos da Escola Estadual Arthur Seixas, colégio público estadual localizado na zona urbana. De modo que, também na cidade, era difícil ter acesso a esses mesmos recursos, embora não possamos afirmar que no passado tenham vivido na área urbana ou no campo. De qualquer modo, essas memórias nos conduzem à situação vivida por pessoas que moravam tanto no campo como em bairros periféricos e mostram que o problema de acesso a certos bens sociais era comum a esses dois locais, uma vez que, nas décadas de 1950 e 1960, período em que, aproximadamente, os avós eram jovens, bens como água encanada, eletricidade não eram disponíveis na zona rural e nem em várias partes da cidade de Vitória da Conquista, onde predominava o armazenamento de água por cisternas e a rede elétrica era insuficiente, realidade que era presente na Bahia²⁰² e no nosso país. Essa fase de nossa história, descrita acima, é denominada por muitos autores segundo Konder (1998)²⁰³, de “nacional-desenvolvimentista”, em que acenavam-se muitas transformações. No entanto, como também atesta este autor, no início desse período, o Brasil possuía “uma população predominantemente rural (64% dos habitantes viviam no campo)” (KONDER, 1998, p. 356).

²⁰¹A esse fato acrescentamos a informação de que o distrito de Iguá é uma localidade central e que a ela estão circunscritos outros tantos povoados, os quais já enumeramos e que ainda carecem de certos recursos como a água encanada, por exemplo.

²⁰² Vide artigo: “EDUCAR PARA ENRIQUECER”: O LIBERAL DESENVOLVIMENTISMO, O PROJETO TECNOCRÁTICO E A EDUCAÇÃO PÚBLICA NA BAHIA (1940-1970) de Silva e Pina (2008).

²⁰³Destacam-se autores de diversas posturas teóricas como: Florestan Fernandes (1920-1995); Celso Furtado (1920-2004); Caio Prado Jr (1907-1990), Nelson Werneck Sodré (1911-1999); Fernando Henrique Cardoso (1931-) e outros.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Assim, as lembranças relatadas expõem as condições de vida locais e destacam a premissa do espaço nas memórias dos grupos, isto é, como assinala Halbwachs (2006), “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” (p.170). Porém, também segundo Halbwachs (2006), esse contexto espacial está articulado ao pertencimento no grupo.

Assim é que, por sua vez, nas respostas dos alunos do EJT, não localizamos esse tipo de afirmativa, demonstrando dificuldade, mas sim, outras memórias, indicando-nos que possivelmente seus avós tenham tido acesso a certos bens e que não tenham enfrentado as mesmas dificuldades reveladas pelos avós dos alunos do CMEEM e Escola Estadual Arthur Seixas.

As referências às transformações tecnológicas nos meios de transporte, acesso à energia elétrica, aos meios de comunicação, aumento das possibilidades de consumo, contidas nas falas dos alunos do CMEEM, a exemplo de: “não tinha energia”, “não existia celular”. Mas também nas falas dos alunos das outras duas escolas, como: “era tudo mais complicado, não tinha TV” e “eles não brincavam de video game” referenciam novamente a acessibilidade aos bens tecnológicos. Esses bens existiam no Brasil no período em que seus avós eram jovens, caso da TV²⁰⁴ e energia elétrica, mas eram de difícil acesso tanto para quem vivia em áreas rurais quanto para quem vivia em cidades do interior. Sobre essa proposição, os alunos do EJT reportaram mais às transformações propriamente ditas, para diferenciar um tempo no qual certas coisas que hoje eles têm acesso e que na época dos seus avós ainda não existiam, como o vídeo game.

Como já apontamos anteriormente, esse passado também é referenciado de maneiras diversas, revelando o que seriam, segundo Halbwachs (2006), os vários pontos de vista sobre a memória coletiva. Dessa maneira é que, paralelo às referências de acessibilidade e possibilidade de consumo, detectamos, também,

²⁰⁴Cuja inserção dos primeiros aparelhos no Brasil data de 60 e 70.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

frases como “era mais sossegado”, “não era perigoso” ou “não havia violência”, uma vez que, citadas por alunos de todas as escolas, conotam o aumento da violência tanto no campo quanto na cidade. Ao mesmo tempo, há afirmações como “as crianças brincavam mais” ou “mais engraçado” que revelam certa nostalgia, uma visão positiva sobre esse passado.

Dessa forma, detectamos elementos notórios da memória desses alunos a respeito da educação, memória que foi transmitida por seus avós. Se para os alunos do CMEEM, a memória passada por seus avós revela que nesse passado em “que era mais difícil pra estudar”, para os alunos do EJT as afirmações mostram acesso à educação por parte dos avós, e que esta era diferenciada, pois “as escolas eram muito rigorosas” ou “as escolas eram rígidas”. As respostas expõem que, para os avós dos alunos do CMEEM, era difícil ter acesso a escola, visto que as escolas públicas das séries iniciais surgiram na zona rural de Vitória da Conquista em finais da década de 60 e meados da década de 70 e o primeiro ginásio da localidade do Iguá- o CMEEM, foi inaugurado em 1996²⁰⁵. Os avós dos alunos da zona rural viveram essa situação, transmitindo essa memória. Enquanto que os avós dos alunos do EJT provavelmente não tiveram esses mesmos obstáculos, possivelmente, tiveram acesso à escola e repassaram essa memória de que as escolas de hoje são diferentes das escolas da época da sua juventude. Nesta época, a parte central da cidade já contava com várias escolas das séries iniciais e algumas escolas de ginásio²⁰⁶.

Por fim, há uma memória sobre aspectos dos costumes, de âmbito social e cultural referentes à época de juventude e ao grupo ao qual os avós pertencem, explanada em respostas dos alunos da Escola Estadual Arthur Seixas, escola

²⁰⁵ Conforme informação coletada na escola.

²⁰⁶ Sendo uma pública e as outras particulares, respectivamente: Instituto Euclides Dantas (Escola Normal), Ginásio de Conquista, Escola Sacramentinas, Ginásio Diocesano, Ginásio Batista Conquistense e Escola Edvaldo Flores. Informação coletada no Museu Pedagógico-UESB.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

pública da zona urbana e do EJT, escola privada. Desse modo é que a afirmativa “é bom ter filha mulher pra ajudar”, de um aluno da Escola Estadual Arthur Seixas, expõe a importância do papel da mulher no trabalho, seja doméstico, seja fora de casa, atividade que era e ainda é tão necessária para a sobrevivência das famílias da classe trabalhadora. Por sua vez, as afirmativas dos alunos do EJT: “podia namorar muito nova” ou “que o namoro era proibido”, embora nos sugiram contradição, mostram que, sob seu ponto de vista, a forma de se relacionar na época de seus avós era bastante diferente da que os mesmos conhecem hoje. Respectivamente, a primeira frase mostra o fato de que na época dos avós os jovens namoravam e casavam cedo, porém a segunda afirmativa possivelmente demonstre que o namoro na época de juventude dos avós era bem distinto de hoje, mais coibitivo, observado, levando os alunos a pensar que o mesmo fosse proibido.

Enfim, parece que no segundo grupo de respostas, os alunos revelam uma memória coletiva herdada dos seus avós, que, possivelmente, pode também demonstrar uma memória histórica no pensar sobre o tempo histórico. Contudo, o primeiro grupo de respostas dos alunos, as quais trazem somente aspectos de suas memórias pessoais, nos aproxima da perspectiva de que a memória se re-atualiza de acordo com interesses do presente, operação conceitualmente apontada por Halbwachs (2006) e compartilhada por Arostégui (2004) e Sá (2007), quando afirmam que é no presente e em função do presente que atua a memória.

Por fim, dentre os alunos que, de alguma maneira, se lembravam do que diziam seus familiares sobre o passado do grupo, podemos dizer que se verifica a função da memória herdada atuando na transmissão e continuidade da experiência, essa que, segundo Arostégui (2004, p.151) “tem um especial significado em todo o processo de internalização do histórico, é uma construção permanente, progressiva e sempre compartilhada” e ainda participa da conformação da memória social.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CONCLUSÕES

Embora o presentismo seja uma referência detectada mesmo nas relações cotidianas dos alunos, quando eles, possivelmente, estão formando memórias pessoais que dizem muito sobre o presente vivido por todos, também se percebe um conhecimento elementar do passado dos grupos aos quais pertencem os alunos, da mesma faixa etária, que receberam uma memória herdada sobre o passado vivido por seus antepassados. Desse modo, é que se revelou uma memória coletiva, herdada, referenciada no relato dos avós para descrever o passado, expondo distinções de ordem social, econômica e cultural e até geográfica que caracterizam a pertença ao grupo. Nesse sentido, parece que a ideia do passado coletivo é constituída muito mais pelo contato com os mais velhos, especialmente os familiares. E por enquanto, mesmo que esse passado não possa ser localizado cronologicamente, ele é utilizado para criar a diferenciação entre o tempo passado e o tempo presente.

Além disso, cada vez mais, os nossos alunos têm pouca oportunidade de conviver com seus pares mais velhos, “pais, avós”, em função do labor da vida cotidiana dos adultos e deles mesmos. A dificuldade dos alunos para pensar historicamente, estaria relacionada com este contexto? Tudo indica que também seja produto deste processo.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

AROSTEGUI, Julio. **La Historia vivida**: sobre la historia del presente. Madrid: Alianza editorial, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos cinquenta. IN: FREITAS, M. C.(Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003. P.355-374.

SÁ, Celso Pereira. **Sobre o campo de estudo da memória social**: Uma Perspectiva Psicossocial. In. <www.scielo.br/prc>. 2007

SILVA, Antonia A. PINA, Maria C. **“Educar para enriquecer”**: o liberal desenvolvimentismo, o projeto tecnocrático e a educação pública na Bahia (1940-1970). Comunicação apresentada durante o VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Porto, Portugal, 2008.

TOURNAY, María L.VEGA, Natalia. Entre la memória y la historia: deslindes conceptuales y cuestiones metodológicas. In: ALONSO, L; FALCHINI, A. (editores). **Memoria e Historia del pasado reciente**. Problemas didáticos y disciplinares. Santa Fé-Argentina: UNL, 2009.